

RETRATOS DO CAMPO DA CRÍTICA LITERÁRIA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Jefferson Neves (UFBA)
Rachel Lima (UFBA)

O trabalho consiste em analisar o modo como o campo da crítica literária tem se estruturado no presente. Para tanto, serão investigados os posicionamentos dos críticos Alcir Pécora (2011), Flora Süssekind (2010), Paulo Franchetti (2005), o falecido Wilson Martins (2005), dentre outros, que asseveram o prolongado marasmo da vida cultural e literária do país. Além destes, serão exploradas as posições dos intelectuais João Cezar de Castro Rocha (2011), Nelson de Oliveira (2015) e Eneida Maria de Souza (2002), por exemplo, uma vez que afirmam ser o contemporâneo caracterizado por uma potência inédita. Tais perspectivas, ao serem postas em tensão, podem auxiliar no melhor entendimento do campo da crítica realizada atualmente no Brasil.

Palavras-chave: Crítica brasileira; Campo literário; Crise.

Nas últimas décadas, a cena cultural no Brasil, em especial a literária, parece composta por dois grupos de vozes destoantes, que se aproximam, paradoxalmente, ao possuírem um caráter superlativo e, por isso mesmo, extremista: de um lado, escuta-se o réquiem proferido por alguns críticos como Alcir Pécora (2011), (2014), Leyla Perrone-Moisés (2000), (2017), Paulo Franchetti (2005), o falecido Wilson Martins (1996), (2005), Sérgio Rodrigues (2007) e Flora Sussekind (2010), apesar do tom mais ameno desta última, que asseveram o prolongado marasmo da vida cultural e literária do país, visto que as humanidades estariam sofrendo uma perda significativa de conteúdo; do outro lado do campo, a morbidez é substituída pelo otimismo de certos intelectuais como João Cezar de Castro Rocha (2011), (2012), (2013), Nelson de Oliveira (2015), Flávio Carneiro (2016), Lourival Holanda (2012), Eneida Maria de Souza (2007), dentre outros que afirmam de modo enfático ser o contemporâneo definido por uma potência inédita, acusando os rivais de acharem feio o que não é espelho.

Assim, nos fazemos a seguinte pergunta: “Que partido tomar?”. Num primeiro momento, nenhum. Ao longo do texto, vamos expor e analisar os argumentos de alguns desses pensadores, os apresentados em relação, a fim de compreender melhor como o

campo da crítica no Brasil tem se configurado e as projeções acadêmicas e midiáticas de seus agentes.

Antes, acreditamos ser válido destacar os estudos realizados por Pierre Bourdieu ao examinar o que denominou de *As regras da arte*: gênese e estrutura do campo literário (2010), considerando-o como espaço definido por posições, negociações, engrenagens que envolvem a produção, a circulação e o consumo do material artístico. O autor atém-se à segunda metade do século XIX, aos projetos estéticos, principalmente, de Flaubert e Baudelaire, que contribuíram para a constituição de um campo regido por suas próprias leis. De início, contudo, escritores, artistas estavam subordinados às elites, à aristocracia, ao universo hierarquizado dos salões e ao Estado, importantes instâncias de legitimação. Por meio das interações estabelecidas com os poderosos, supriam também seus interesses. Segundo Bourdieu,

[...] os detentores do poder político visam impor sua visão aos artistas e apropriar-se do poder de consagração e de legitimação que eles detêm [...]; por seu lado, os escritores e os artistas, agindo como solicitadores e como intercessores ou mesmo, às vezes, como verdadeiros grupos de pressão, esforçam-se em assegurar para si um controle mediato das diferentes gratificações materiais ou simbólicas distribuídas pelo Estado. (BOURDIEU, 2010, p.67)

Com a expansão industrial e o desenvolvimento do capitalismo, as sujeições passaram a girar em torno dos “novos ricos sem cultura dispostos a fazer triunfar, em toda a sociedade, os poderes do dinheiro e sua visão do mundo, profundamente hostil às coisas intelectuais.” (BOURDIEU, 2010, p.65). No entanto, o sociólogo aponta para certa liberação de tais laços de dependência, na França, sobretudo, através das atuações de Flaubert e Baudelaire, que resistiram, à sua maneira, aos poderes da burguesia.

Para Bourdieu, o campo é relativamente autônomo, já que mantém um grau de dependência para com o mercado. Todavia, “valor simbólico” e “valor mercantil” não são sinônimos, pois o autor flexibiliza o vínculo entre os mesmos, ao considerá-los como até determinado ponto independentes, de modo que não há subordinação total ou independência absoluta com respeito ao mercado e às suas exigências. O teórico frisa ainda que o campo artístico é organizado por forças, conflitos e lutas existentes no seu interior, por tomadas de posição, disposições, em busca de poder. Nessa diretriz,

apresentaremos algumas tensões que consideramos pertinentes em razão da mobilidade que ocasionaram no cenário da crítica nacional.

Em 1996, numa entrevista ao jornal *A Tarde*, o crítico e tradutor Wilson Martins lamentou a completa ausência de qualidade na produção literária da época, bem como a substituição da crítica pelas resenhas jornalísticas, que supostamente, teriam apenas finalidade comercial e informativa. Em 2005, o autor ratificou o período lacunar que estaríamos vivenciando e garantiu ser ele o último representante de um padrão enunciativo e analítico que predominou no Brasil até os anos 1950: “Eu me formei numa tradição que praticamente desapareceu, a do jornalismo literário francês. Costumam dizer, de fato, que no Brasil, eu sou o último dessa raça. Deve ser verdade.” (MARTINS, 2005).

De acordo com Martins, a competência da crítica literária dos séculos XIX e XX teria se extinguido dos jornais, por conta do predomínio de uma civilização da imagem imposta pela televisão e pela informática. Nessa conjuntura, a perda de importância da crítica e sua consequente substituição pela resenha foram inevitáveis. Esta última, vista pejorativamente pelo autor, se reduziria a mero instrumento de apresentação e divulgação das obras:

Críticos não se limitam a resumir os livros, a vendê-los, mas dizem se eles são bons ou ruins e põem suas cabeças a prêmio quando se arriscam a dizer o porquê. É claro que, muitas vezes, os críticos erram, pois o erro faz parte de qualquer jogo. Mas, ao contrário dos resenhistas, os críticos se arriscam. Por isso, eles devem ter, obrigatoriamente, um arsenal teórico para iluminar seus objetos. Já dos resenhistas, não se exige aparato teórico algum. (MARTINS, p.02, 2005).

Para Martins, o crítico exerce um papel de autoridade literária, a ditar juízos sobre os textos, os quais somente adquiriam existência e se tornariam compreensíveis ao público, se passassem pelo crivo de seu avaliador. Cabe-nos recordar que o autor se projetou, genericamente, através de polêmicas na mídia e na esfera intelectual brasileira. Atacou de Graciliano Ramos a Chico Buarque. Este não teria futuro como escritor, pois seus livros seriam um “recozimento” de outras obras. Em relação ao antropólogo Darcy Ribeiro, asseverou que era “um autor [...] a ser reavaliado, mas reavaliado para baixo.” (MARTINS, 1997).

Martins construiu sua assinatura por meio de uma dicção provocativa, sustentando a imagem que lhe era mais conveniente. Ao ser questionado numa entrevista efetuada pelo *Jornal do Brasil* (2005) sobre ser uma pessoa fria e seca, respondeu: “Ao contrário. Sou emotivo e sorridente, porém essa condição de lobo da estepe me convém.” (MARTINS, p.03, 2005).

Uma breve retrospectiva faz-se necessária, já que o ponto de vista judicativo atribuído à figura do crítico por Martins, nos remonta à segunda metade do século XIX, em especial, ao ano de 1865, quando Machado de Assis publicou, no *Diário do Rio de Janeiro*, o artigo “O ideal do crítico”, em que o autor mostrava acreditar na imparcialidade do ofício em questão, condenando os ineptos à literatura e servindo de guia aos estreates. Os mandamentos pregados pelo autor conferiam ao espaço da crítica de literatura um caráter onipotente. Seu comportamento é compreensível se levarmos em consideração o fato de a objetividade do discurso científico ser preponderante nas esferas sociais e intelectuais do momento, devido à corrente filosófica positivista fundada por Augusto Comte na primeira metade do século XIX.

Podemos verificar a concretização de tais posturas no texto “Notícia da atual literatura brasileira. Instinto de nacionalidade” (1873), em que Machado apresentou ao leitor um panorama do que se produzia literariamente, no Brasil à época, além de refletir sobre a validade dos critérios narrativos adotados pelos poetas e prosadores, que tinham como fonte de inspiração a natureza do País e os indígenas. Machado, o escritor enquanto crítico, conservou um tom incisivo em seu texto e, ao se debruçar sobre o romance, a poesia e o teatro brasileiros, de forma minuciosa, indicou “as excelências e os defeitos do conjunto” (ASSIS, 1979, p.757). Seus diagnósticos mencionam falhas realizadas na literatura brasileira, além de ironizar o discurso do romantismo: “Um poeta não é nacional só porque insere nos seus versos muitos nomes de flores ou aves do país, o que pode dar uma nacionalidade de vocabulário e nada mais.” (ASSIS, 1979, p.760)

O que gostaríamos de ressaltar é justamente a imagem que se tinha do crítico literário como aquele que servia de norte para apurar e educar o “gosto” de seus interlocutores. Por outro lado, hoje, parece haver um desmoronamento de tal representação, em virtude de um possível colapso do discurso crítico no Brasil, realçado não apenas por Martins, mas, inclusive, midiaticamente, por Alcir Pécora (2014), para quem o principal motivo responsável pelo naufrágio da crítica estaria relacionado ao fim

dos paradigmas teóricos produzidos durante os séculos XIX e XX, como o Marxismo, a Psicanálise e o Estruturalismo, por exemplo. O Professor da UNICAMP sustenta a dificuldade em lidar com a ausência na contemporaneidade de modelos teóricos que fundamentem a atividade da crítica, de modo que nos restaria a desolação:

[...] sem fundamentos, sem natureza, sem processos hegemônicos de análise ou de determinação do real, estamos seguros apenas das contingências [...]. Perdemos, pois, a certeza, a missão, a finalidade, a paternidade, a transcendência de qualquer espécie. (PÉCORA, p.03, 2014).

Em “Impasses da literatura contemporânea” (2011), artigo publicado no suplemento Prosa & Verso do jornal *O Globo*, Pécora endossa, mais uma vez, suas opiniões:

[...] o campo literário se encontra hoje numa situação de crise, observável pela relativa perda da capacidade cultural da literatura de se mostrar relevante [...], como se alguma coisa se introduzisse nela (sem eventos violentos) e a tornasse inofensiva, doméstica. Um vírus de irrelevância, por assim dizer. (PÉCORA, 2011, p.02)

Os intensos lamentos pelos tempos que não voltam mais, nostalgia por uma época de ouro, que, na realidade, parece enobrecer menos o passado do que o presente de determinados críticos continuam com o escritor e também professor na Universidade Estadual de Campinas, Paulo Franchetti (2005), que ressaltava, na imprensa, a falência do exercício crítico literário de hoje, em razão da lógica do compadrio ter firmado um espaço onde ninguém desejaria se comprometer, criar censuras ou inimizades. Conforme o autor, o caráter anódino da atividade crítica e a solidificação do mercado editorial preocupado apenas em comercializar o livro demitiram a crítica literária brasileira, restando-lhe apenas o papel de divulgadora de obras, submissa aos interesses da imprensa e do marketing

Nesse contexto, Flora Süssekind, em “A crítica como papel de bala” (2010), num tom provocador, a partir da repercussão da morte do acadêmico Wilson Martins, em 2010, declarou a insuficiência, o apequenamento do discurso crítico brasileiro das últimas décadas. O excesso de elogios que se sucederam ao falecimento de Martins, transformando-o em “imagem” exemplar de crítico literário, despertou a cólera da ensaísta, que defendeu a necessidade de “matar mais uma vez Wilson Martins” (SÜSSEKIND,

2010, p.02). Não obstante, Affonso Romano de Sant'anna reagiu através do texto “A Hidrófoba” (2010), em que mencionou o anseio de Sússekind por acentuar a irrelevância de Martins no cenário da crítica:

Nunca vi tanto fel, tanto ódio sob o pretexto de tratar da crítica literária. Metralhadora alucinada e giratória, ela atira em todas as direções, inclusive no próprio pé. É constrangedor. [...] Wilson Martins morto é mais útil e fecundo do que Flora Sússekind viva. (SANT'ANNA, 2010, p.01).

Por outro lado, no decorrer das nossas investigações, descobrimos que o finado Martins comparava a obra de Sant'Anna com a do poeta Carlos Drummond de Andrade, o que pode justificar tamanha indignação em sua réplica ao artigo de Sússekind. Recordemo-nos que Martins era integrante do grupo daqueles que realizavam e defendiam a “crítica de rodapé”, não vista com bons olhos pela acadêmica, defensora da cátedra, isto é, da crítica produzida por indivíduos formados e especializados em literatura.

José Castello (2015), na mesma esteira dos críticos que creem em uma espécie de visão purista do literário, afirmou que hoje as obras são produzidas apenas para vender, pois os autores estão “cada vez mais fascinados pelas benesses do deus Mercado, e menos interessados na qualidade e densidade de suas narrativas.” (CASTELO, 2015, p. 01). Assim, predominaria hoje o que intitula de “literatura digestiva”, narrativas uniformes, sem complexidades. Ao dizer que no presente “as fronteiras explodem, as identidades vazam” (CASTELO, 2015, p.02), o autor não deixa de trazer à tona certa preocupação e hesitação do crítico de literatura em lidar com cenas instáveis, por permanecer, talvez, preso às suas zonas de conforto.

Tais posições contrárias à literatura contemporânea atestam o intuito de desvincular a arte dos fatores externos, sociais, das inovações e mudanças operadas atualmente, como se a obra fosse uma “realidade” à parte, objeto descolado de seu contexto de produção, ideia que se confirma quando Alcir Pécora pontua: “a literatura, como toda arte, é em primeiro lugar ‘techné’, técnica [...]. Não basta ser conhecimento, tem de produzir o que não é, o que não há.” (PÉCORA, 2011, p.02).

É inviável pensarmos a participação de críticos no campo literário desprovida de paixões, que emergem, inevitavelmente, a partir do espaço que ocupam e da posição que

assumem. João Cezar de Castro Rocha, em *Crítica literária: em busca do tempo perdido?* (2011), afirma ser a polêmica estimulante para o debate intelectual, o que é interessante quando analisamos interpretações concorrentes, bem como os valores e pressupostos que fundamentam as escolhas e os comentários dos críticos.

Nesse sentido, Cristhiano Aguiar (2016) declarou que os críticos contrários à produção literária contemporânea não apresentam um estudo pormenorizado de nenhum autor específico, porque suas avaliações são sempre genéricas, sem a discussão de versos ou fragmentos de contos ou romances, girando apenas “ao redor de uma mesma palavra: o ‘não’ ao tempo presente.” (AGUIAR, 2016, p.04). Aguiar nos diz, ainda, que advogar uma autonomia estética, um trabalho puro, formal com a linguagem é estar preso ao passado, firmando-se uma espécie de “a priori” que se recusa de antemão a conferir legitimidade à literatura vigente. Para o crítico, os seus pares:

[...] formulam um discurso de crise porque tentam impor à literatura contemporânea um conjunto de pressupostos que não são suficientes para entendê-la: parte considerável destes pressupostos é baseada no conjunto de valores consagrados pelos mais diversos Modernismos. No entanto, embora a literatura contemporânea não implique necessariamente em um fatal rompimento com a literatura moderna, por outro lado, fundamentar-se somente nos seus valores pode nos impedir de dar conta dos novos desafios propostos pelo contemporâneo. (AGUIAR, 2016, p.09)

As relações entre agentes que almejam, de forma tática, preservar ou não valores, sustentando seus interesses na esfera da literatura, dependem da posição que ocupam, de suas filiações teóricas, ideológicas, do capital simbólico conquistado até então. Bourdieu já havia nos alertado para o fato de que

[...] o campo literário é simultaneamente um campo de forças e um campo de lutas que visa transformar ou conservar a relação de forças estabelecidas: cada um dos agentes investe (o capital) que adquiriu pelas lutas anteriores em estratégias que dependem, quanto à orientação da posição desse agente nas relações de força, isto é, de seu capital específico. (BOURDIEU, 2010, p.172).

Nota-se que, do outro lado do campo da crítica brasileira, indo contra a corrente pessimista que paira sobre nossas cabeças, além de Aguiar, João Cezar de Castro Rocha, já citado neste texto, tem defendido a “potência inédita do contemporâneo” e suas

implicações positivas nas humanidades. Em “Por uma melancólica chique” (2013), texto publicado na coluna mensal que possui no jornal *Rascunho*, o autor deslocou o problema – o óbito da crítica e da literatura hoje – para a própria figura do crítico, que precisaria reinventar-se, questionar seus métodos de investigação, marginalizando a ideia de pensar sua tarefa como “espelho retrovisor” para, ao contrário, entendê-la como abertura para um processo em curso.

Nesse panorama, podemos mencionar o trabalho da ensaísta Eneida Maria de Souza, a qual busca, por meio de suas produções, não se manter limitada a conceitos ultrapassados e a práticas endogâmicas de vida literária, em razão de procurar equilibrar-se no jogo de forças do campo, através de posicionamentos comedidos, mas sem eximir-se de questões que atravessam o seu tempo. Logo, não se reduz à imagem do intelectual ensimesmado que supervaloriza uma época grandiloquente. Observamos que, para Souza, a crítica contemporânea deve se nutrir não somente de um mero *close reading*, mas atravessar caminhos externos à obra, como seu contexto social e histórico, pondo escritores em tensão uns com os outros.

A estratégia da Professora Emérita da UFMG de se atualizar constantemente, ao invés de vociferar obituários, sincronizando uma ampla e sólida formação acadêmica com as urgências do calor da hora, é uma preocupação nítida, sobretudo quando estudamos suas obras mais atuais, como *Crítica cult* (2007), delineada por uma espécie de “mão dupla”, ao se colocar entre o passado e o presente, a modernidade e a pós-modernidade, sem se circunscrever a períodos históricos fechados e a enfoques anacrônicos, unilaterais.

Após a decomposição das muralhas modernas que separavam o erudito do popular, de acordo com Silviano Santiago (2004), a arte passou a ser vista como diversificada. As ilusões messiânicas que alguns críticos apregoam com a finalidade de conservar seus lugares enunciativos ao insistirem em preceitos heurísticos são tentativas de fechar os olhos para os efeitos de um mercado transnacional em que os objetos culturais se transformaram em produtos seriados a serem consumidos e não somente contemplados.

Em contrapartida, há aqueles como Sérgio Rodrigues, que, conforme entrevista ao *Digestivo Cultural* (2007), enxergam a falência da literatura em razão do crescimento do mundo audiovisual, que teria solapado a escrita, e de uma possível catástrofe na Educação: “Lemos pouquíssimo. Você entra no ônibus, no metrô, e ninguém está lendo um livro. Nunca. Nem romance Sabrina. Nem faroeste de banca de jornal. Isso é um dado

grave, a meu ver.” (RODRIGUES, p.01, 2007). No entanto, o crítico esquece-se de que a literatura tem se apresentado através de uma gama variada de manifestações, em diferentes suportes, de modo que podemos ler ficção, inclusive, no próprio celular. Na pós-modernidade, num cenário mergulhado por novas tecnologias, o texto literário assumiu um caráter amplo, embora fragmentário, ocupando assim, um “não-lugar”, o que invalida argumentos que procuram ratificar sua pretensa “aura”, pois segundo Eneida Souza (2007), “a elitização cultural não mais se sustenta diante do apelo democrático dos discursos, razão pela qual a literatura deixa de se impor como texto autônomo e independente – se é que algum dia ela assim pôde ser vista.” (p.77).

Verificamos, atualmente, um movimento intenso no campo, pois se multiplicam os festivais literários, os blogs e vlogs criados por jovens leitores, que discutem suas interpretações de obras literárias. Há ainda um amplo rol de autores que promovem oficinas e palestras, além da proliferação de pequenas editoras e o fenômeno da auto-publicação. As instituições tradicionais não mais são consideradas como ponto único de referência para o acesso ao conhecimento, devido ao fato de outros meios também assumirem esse papel, como a mídia, o mercado e a própria rede virtual.

Lourival Holanda (2012), professor da Universidade Federal de Pernambuco, acredita estar ocorrendo uma reconfiguração da crítica brasileira diante de tal panorama, já que o desafio maior do crítico seria justamente saber dialogar com as narrativas híbridas que nos cercam hoje, abrir mão da ilusão inútil de se auto-eleger a última instância do sentido do texto e da inclinação de se fechar em copas dentro do seu gabinete: “A crítica literária não é nenhuma liturgia para precisar de um espaço consagrado para legitimar-se.” (HOLANDA, 2012, p.08)

As plataformas digitais permitiram o surgimento de novas formas de ler, escrever e interagir, o que tem redirecionado a dicção de uma parcela de críticos que, sem cosmovisões totalitárias e absolutas, refletem sobre suas avaliações, conciliando o fazer estético com engajamento intelectual e cultural. Nomes como Nelson de Oliveira (2015), José Castello (2015), (2014), Flávio Carneiro (2013), Eneida Maria de Souza (2012), João Cezar de Castro Rocha (2012), (2013), Denilson Lopes (2009), Antônio Marcos Pereira (2009), Diana Klinger (2014), Alberto Pucheu (2007) Ana Chiara (2006), Rachel Esteves Lima (2008), dentre outros, constituem um conjunto daqueles que procuram, em suma, marginalizar concepções cristalizadas, unilaterais e normativas de literatura, seja através

de incursões no mundo virtual ou por meio da estratégia de inserção do crítico no próprio texto, como ator e personagem do discurso, num contexto contemporâneo sublinhado pelo anseio em dar ao rosto um nome próprio.

Portanto, ao menos uma parcela da atividade da crítica literária abandonou aspirações extremamente objetivas e imparciais, a fim de encontrar modos de expressão singulares, em conformidade com aspectos caros ao cenário contemporâneo ou pós-moderno, em que pesquisa e vida se misturam, num empreendimento disposto a arriscar-se fora de terrenos ou critérios delimitadores.

Os movimentos textuais que têm se efetivado nas análises dos críticos e flexibilizado a maneira como conduzem suas produções, num gesto de sobrevivência ao presente, foram viabilizados pela ausência de estrutura fixa do gênero que frequentemente manipulam, isto é, o ensaio. Rachel Esteves Lima (1995) há tempos nos fez um alerta ao atestar que o traço aberto, transitório, em suspensão do gênero, possibilita experimentações na crítica, o entrelaçamento entre momentos narrativos e reflexão teórica.

Nessa conjuntura, a atividade do intelectual, do crítico de literatura vê-se condicionada a conviver com os lugares indefinidos do saber contemporâneo, de forma que o mais interessante seria a compreensão da natureza plural e contraditória da cena de hoje, cindida pelo enfraquecimento de esferas estanques e pela emergência de setores sociais historicamente marginalizados, o que inviabiliza a instauração de qualquer tipo de zona de conforto, porque consoante Eneida Maria de Souza (2007):

O mundo mudou, nos últimos dez anos, de forma assustadora (para o bem ou para o mal) e por que motivo as concepções artísticas, teóricas e políticas não deveriam também trocar o caminho tranquilizador do reconhecimento pelo do saber sempre em processo? Enfrentar esse desafio é uma das formas de continuar a mover o debate teórico, para que este não se transforme em consenso de grupos ou na apatia acadêmica, provocada por um certo tipo de mal-estar, que não incita a curiosidade, mas ao contrário, alimenta o conservadorismo. (SOUZA, 2007, p.73)

Referências

- AGUIAR, Cristhiano Motta. Crítica literária e literatura brasileira contemporânea: valores e critérios. XV Encontro ABRALIC. Set. 2016. Disponível em: http://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2016_1491245212.pdf. Acesso em: 15 Fevereiro 2017.
- ASSIS, Machado de. O ideal do crítico. In:____. *Obras completas de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1979, vol. III, p.798-791.
- ASSIS, Machado de. Instinto de nacionalidade. In:____. *Obras completas de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1979, vol. III, p.756-766.
- BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. Tradução de Maria Lúcia Machado. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- CASTELLO, José. Literatura digestiva. *Estadão Aliás*, São Paulo. Dezembro 2015. Disponível em: <http://alias.estadao.com.br/noticias/geral,literaturadigestiva,10000005661>. Acesso em: Fev. 2016.
- FRANCHETTI, Paulo. A demissão da crítica. Abril. 2005. *Revista Germina*, São Paulo. Disponível em: http://www.germinaliteratura.com.br/enc_pfranchetti_abr5.htm. Acesso em: 11 Maio 2012.
- HOLANDA, Lourival. *Reconsiderando a crítica literária*. *Revista Fronteira Z*, São Paulo, nº 08, 2012.
- LIMA, Rachel Esteves. O ensaio na crítica literária contemporânea. *Revista de Estudos de Literatura*, Belo Horizonte, p.35-41, 1995.
- LIMA, Rachel Esteves. Crítica literária: da disciplina ao descontrole. In: OLIVEIRA, Maria Clara Castellões de, LAGE, Verônica Lucy Coutinho (Org.). *Literatura, Crítica, Cultura I*. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2008, p. 47-56. Disponível em: <http://observatoriodacritica.com.br/publicacoes/rachel-estebes-lima/critica-literaria-da-disciplina-ao-descontrole/>. Acesso em: 17 Março 2017.
- MARTINS, Wilson. Wilson Martins vê o edifício da crítica em ruínas. *Jornal de Poesia*, Fortaleza, Fev. 1996. Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/wilsonmartins018.html> Acesso em: 13 Julho 2014.

MARTINS, Wilson. A crítica como ofício. *Jornal de Poesia*, Fortaleza, Ago 2005. Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/wilsonmartins091.html>. Acesso em: 08 Setembro 2014.

MARTINS, Wilson. O crítico. *Jornal da Poesia*, Fortaleza. Set. 1997. Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/entrevista.html>. Acesso em: 15 Outubro 2014.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Que fim levou a crítica literária? In: _____. *Inútil Poesia e outros ensaios breves*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 335-346.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Leyla Perrone-Moisés fala sobre a resistência da ficção. *Folha de S. Paulo*. Entrevista concedida ao Caderno Ilustríssima. Fev 2017. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2017/02/1857605-leyla-perrone-moisés-fala-sobre-a-resistencia-da-ficcao.shtml>. Acesso em: 17 Março 2017.

PÉCORA, Alcir. A crítica em crise. *Cândido*, Curitiba, 2014.

PÉCORA, Alcir. Impasses da literatura contemporânea. O Globo, Rio de Janeiro. Abr 2011. Disponível em: <http://blogs.oglobo.globo.com/prosa/post/impasses-da-literatura-contemporanea-por-alcir-pecora-376085.html>. Acesso em: 10 Setembro 2013.

ROCHA, João Cezar de Castro. *Crítica literária: em busca do tempo perdido?* Chapecó: Argos, 2011.

ROCHA, João Cezar de Castro. Por uma melancolia chique. *Jornal Rascunho*. Curitiba. Abr. 2013. Disponível em: <http://rascunho.com.br/et-in-arcadia-ego-por-uma-critica-da-melancolia-chique/>. Acesso em: 20 Outubro 2015.

RODRIGUES, Sérgio. Entrevista. *Digestivo Cultural*, São Paulo. Abr. 2007. Disponível em: https://www.digestivocultural.com/entrevistas/entrevista.asp?codigo=12&titulo=Sergio_Rodrigues. Acesso em: Maio 2016.

SÜSSEKIND, Flora. *A crítica como papel de bala*. O Globo, Rio de Janeiro, Abr. 2010. Caderno Prosa. Disponível em: <http://blogs.oglobo.globo.com/prosa/post/a-critica-como-papel-de-bala-286122.html>. Acesso em: 11 Maio 2012.

SANTIAGO, Silviano. *O cosmopolitismo do pobre*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.

SOUZA, Eneida Maria de. *Crítica cult*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007.

SOUZA, Eneida Maria de. *Tempo de pós-crítica*. Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2012.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. A hidrófoba. Abr. 2010. Disponível em: <http://www.affonsoromano.com.br/blog/?titulo=566>. Acesso em: 12 Maio 2015.